

O homem que derruba florestas para as enterrar

N. 12/10/84

por Jorge Costa

Barbudo, alio, mãos calejadas, José de Matos Neves apresenta-se com aspecto de homem do campo.

«A maravilha desta terra é que há muito para fazer. Nesta terra vale a pena viver porque tudo é difícil, há um desafio permanente mas com trabalho conseguem-se resultados únicos» — diz ele a quem o quer ouvir.

E prova o que diz, apresentando, onde há pouco tempo era mato, um bananal que é também orgulho dos beirenses.

Na Beira, quando mostrei vontade de ver um dos locais que agora produz comida para a cidade, muitos me disseram: Val à machamba do Neves.

Acabei por o encontrar exactamente à porta do hotel e José de Matos Neves não hesitou em se oferecer imediatamente para me mostrar a sua obra, sacrificando bastante do seu precioso tempo. No carro dele, a caminho, trocámos as primeiras impressões. O entusiasmo com que ele fala

de Moçambique e da sua machamba é contagiante. Viver aqui implica, primeiro, uma certa renúncia e depois uma aceitação muito grande — foi um seu comentário. E depois explicou:

— Na situação que hoje atravessamos temos uma sede constante. Sede de leitura, de teatro, de bons cinemas, enfim, de tudo o que é cultura. E para ficar, é preciso saber renunciar provisoriamente a isso. E saber aceitar as dificuldades, este desafio permanente

que a terra nos coloca, com a promessa lactente de que aqui tudo se cria.

Tais palavras são contraste com a apresentação do seu autor. Calças coçadas, botas cheias de barro e camisa velha, uma barba por aparar dão a Matos Neves o aspecto de camponês e não de homem de sociedade.

Acabou também por desvendar o paradoxo. Ele é formado em Ciências Filosóficas e professor secundário há

muitos anos. Aliás, mais tarde, quando em visita à Escola Secundária Samora Machel — onde ele ensina — ouvimos dele referências muito carinhosas, tanto dos colegas como dos alunos.

— O incrível é que ele consegue conciliar o seu trabalho na machamba com o professorado, sem prejuízo de nenhuma dessas tarefas — garantiram.

A terra que ele está a modificar não é grande: pouco mais de quatro hectares. Mas lá estão já plantados três mil pés de bananeira que já este ano vão dar fruto, segundo mostram os cachos, em pleno crescimento.

— Pelas minhas contas, devem sair daqui 20 toneladas, nesta primeira colheita. Mas continuo a plantar e serão, em Dezembro, sete mil pés com que conto então obter 140 toneladas de fruta — diz José de Matos Neves.

Para muitos é um fenómeno esta coisa de plantar pés de bananeira e obter frutos poucos meses depois. Ele diz que se limitou a aplicar uma técnica já desenvolvida noutros locais e que recorre a toda a espécie de detritos vegetais para os usar como adubo.

Assim, o nosso homem recolhe capim cortado, troncos de árvore e tudo o que encontra de semente. Diz ele a rir: Eu corto florestas e enterro-as.

O que é certo é que as plantas crescem viçosas, com apoio deste adubo natural que ele garante servir durante três anos.

No nosso encontro falámos depois de muita outra coisa. Por exemplo, dos coelhos que ele quis reproduzir e no que fracassou: O problema é que o plano era muito ambicioso e assim não foi cumprido. Nem sabia bem tratar dos animais e já tinha projecto para um matadouro, embalagens em saco de plástico e por aí fora. Falhei e agora sou mais realista. Vou-me empenhar apenas até às minhas capacidades — explicou.

E enquanto falávamos, bebendo a água de cocos acabados de colher, na companhia dos seus cães «Produto» e «Plano», não podíamos deixar de olhar para aquele mar já verdejante e imaginar, sem custo, que aquele local, ainda recentemente coberto de mato, vai ser brevemente um verdadeiro maná de comida, contribuindo também para que, cada vez mais, a Beira não seja realmente uma cidade parasita.



«Aqui há pouco tempo era mato» — indica José de Matos Neves, com orgulho